

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT07.004

## A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM AS TRÊS MARIAS, DE RACHEL DE QUEIROZ: UMA PROPOSTA PARA SALA DE AULA

Ana Paula Lima Carneiro<sup>1</sup>

Maria Paloma Nunes Santos<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo propor uma abordagem pedagógica para o ensino do romance *As Três Marias* (1939), de Rachel de Queiroz, no ensino médio, fundamentada no letramento literário de Rildo Cosson (2009). A proposta visa não apenas promover o contato dos alunos com a literatura brasileira, mas também ampliar sua compreensão sobre relações de gênero, sexualidade e o papel da mulher na sociedade. A partir dessa abordagem, os estudantes terão a oportunidade de analisar a construção da personagem Maria Augusta, observando sua trajetória em contraste com as de suas duas grandes amigas, Maria da Glória e Maria José. Essa comparação evidencia as diferentes formas de inserção da mulher no meio social e ressalta o processo de empoderamento de Maria Augusta, que desafia convenções e busca maior autonomia em sua vida. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa e base sociológica, que se apoia na leitura do romance e em sua relação com a literatura e a sociedade, além de dialogar com a história das mulheres. O embasamento teórico sustenta-se nos estudos de

1 Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, anapaula-lima.uepb@gmail.com

2 Graduada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, mariapaloma.2020nunes@gmail.com

Candido (2011), Perrot (2017), Rosenfeld (2011), Zolin (2009) e Cosson (2009). Os resultados indicam que Maria Augusta constrói sua identidade ao longo de sua trajetória, diferenciando-se de suas amigas e conquistando seu espaço tanto na sociedade quanto na família. Dessa forma, a adoção do letramento literário como ferramenta pedagógica possibilita uma leitura crítica e contextualizada, enriquecendo a experiência dos alunos e promovendo reflexões sobre a emancipação feminina e as transformações sociais.

**Palavras-chave:** Personagem; Empoderamento; Letramento literário.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar a representação da mulher no romance *As Três Marias* (1939), de Rachel de Queiroz. A obra narra a história de três grandes amigas de infância que estudaram em um internato marcado por doutrinas religiosas. Entre elas, destaca-se a personagem Maria Augusta, carinhosamente chamada de “Guta”, cujo comportamento difere do das demais, evidenciando atitudes mais independentes e questionadoras.

Além da análise literária, o artigo propõe uma abordagem pedagógica voltada ao ensino médio, fundamentada no conceito de letramento literário de Rildo Cosson (2009). A proposta visa incentivar a reflexão dos alunos sobre o papel da mulher na sociedade, sobretudo durante a década de 1930, período em que as mulheres eram frequentemente silenciadas, tanto no ambiente familiar quanto na literatura e na sociedade como um todo.

A intenção é que, por meio da leitura do romance, os estudantes compreendam o processo histórico da luta das mulheres por voz e autonomia. A proposta didática contempla a comparação entre a condição feminina da época retratada na obra e a realidade das mulheres contemporâneas, permitindo um diálogo intergeracional e crítico sobre as transformações sociais e culturais.

No romance, a amizade entre as três protagonistas - Maria Augusta, Maria da Glória e Maria José - representa diferentes caminhos e escolhas femininas. Maria Augusta busca independência e realizar-se profissionalmente como datilógrafa, vivendo de acordo com suas próprias decisões. Maria da Glória realiza o sonho da maternidade, dedicando-se à família e aos cuidados do lar. Já Maria José retorna à casa da mãe e torna-se professora, exercendo uma profissão próxima do ambiente familiar. Entre elas, “Guta” se destaca por desejar algo além dos padrões impostos às mulheres de sua época, expressando o desejo por autonomia e mudança.

O presente artigo tem como objetivo geral elaborar uma proposta para a sala de aula que reflita sobre o real valor das personagens femini-

nas no romance *As Três Marias* (1939), de Rachel de Queiroz, com foco no empoderamento feminino representado pela personagem Maria Augusta. Além disso, propõe-se trabalhar a obra com os alunos, explorando o sentido do texto literário em sua totalidade - início, meio e fim. Como objetivos específicos, destacam-se: observar e analisar a construção da personagem feminina, especialmente Maria Augusta, carinhosamente chamada de “Guta”, bem como as relações de gênero presentes na narrativa, evidenciando o protagonismo e o poder da mulher na obra de Rachel de Queiroz. Por fim, propõe-se uma abordagem pedagógica que permita aos alunos compreender toda a trajetória de luta das mulheres retratada no enredo.

Esta pesquisa se justifica por demonstrar à comunidade acadêmica e não acadêmica a importância da voz da mulher na sociedade, na literatura e no âmbito familiar. A personagem Maria Augusta, do romance *As Três Marias* (1939), de Rachel de Queiroz, é um exemplo marcante desse protagonismo, ao apresentar um comportamento diferente de suas amigas de infância, o que se evidencia ao longo da leitura da obra.

O artigo propõe uma abordagem pedagógica para o ensino médio que aborda o contexto histórico da mulher desde a década de 1930 até a contemporaneidade, a partir do romance *As Três Marias*, de Rachel de Queiroz. O livro, publicado numa época em que a voz feminina era silenciada, destaca a personagem Maria Augusta (“Guta”), que desafia esse silêncio e busca afirmar sua identidade. A pesquisa, de natureza qualitativa e com enfoque sociológico, analisa o empoderamento feminino presente na trajetória de Guta, diferenciando-a de suas amigas.

A proposta didática envolve debates, leituras e reflexões para que os alunos compreendam a diversidade das experiências femininas retratadas no romance e sua importância histórica. O estudo contribui para a construção da identidade feminina e sugere questionamentos que auxiliam na análise crítica do papel da mulher na família, na literatura e na sociedade, promovendo a autonomia intelectual e o senso crítico dos estudantes por meio da leitura e discussão da obra.

Entre os principais questionamentos propostos pela pesquisa, destacam-se: O real valor da personagem Maria Augusta está relacionado à questão de gênero e sexualidade? De que maneira o empoderamento feminino se manifesta por meio da interação e do contraste entre Maria Augusta e suas amigas? Como o poder feminino é representado no romance de Rachel de Queiroz? Qual a importância de uma sequência básica de atividades nos estudos literários para estimular o senso crítico dos alunos nos anos finais do ensino médio?

O aporte teórico deste artigo baseia-se nos estudos de Candido (2011), Perrot (2017), Rosenfeld (2011) e Cosson (2009). A partir dessas referências, observa-se como a personagem Maria Augusta, carinhosamente chamada de “Guta”, estabelece relações de poder distintas em comparação às suas amigas de infância. Ao longo do romance, suas trajetórias se distanciam, revelando diferentes caminhos escolhidos por cada uma, e evidenciando, no caso de Guta, uma postura mais ativa e questionadora, tanto no âmbito familiar quanto na sociedade.

A proposta pedagógica é voltada para alunos do ensino médio, estruturada por meio de uma sequência básica de atividades. Essa proposta visa promover a reflexão dos estudantes sobre o contexto histórico da mulher brasileira, especialmente na transição da década de 1930 – marcada pelo silenciamento feminino – para a década de 1970, quando as mulheres passaram a conquistar maior voz e direitos. Através desse percurso, busca-se ampliar a compreensão dos alunos sobre as transformações sociais e o papel da literatura nesse processo.

## 2 VIDA E OBRA DE RACHEL DE QUEIROZ

Rachel de Queiroz é uma das mais importantes autoras cearenses, tendo escrito diversos romances que abordam questões sociais relevantes. Uma de suas obras mais conhecidas, especialmente no meio escolar e acadêmico, é *O Quinze* (1930). No entanto, o romance *As Três Marias* (1939) também merece destaque, por apresentar muitas reflexões sobre

a representação feminina. Neste artigo, voltamos nosso olhar para a personagem Maria Augusta, conhecida como “Guta”, com o objetivo de analisar sua trajetória e o processo de empoderamento feminino representado em sua construção. Uma das marcas da escrita de Rachel de Queiroz é a forma como suas experiências de vida e observações sociais são refletidas em suas obras, contribuindo para retratar com profundidade os dramas humanos e, especialmente, as vivências femininas: “Em 1919, regressou a Fortaleza e, em 1921, matriculou-se no Colégio da Imaculada Conceição, onde fez o curso normal, diplomando-se em 1925, aos 15 anos de idade” (Abl, 2017). Como podemos observar, a escritora cearense Rachel de Queiroz constrói sua escrita com base em suas experiências de vida, o que se reflete diretamente em suas produções literárias.

A obra *As Três Marias* (1939) é narrada em primeira pessoa, permitindo uma aproximação com a protagonista Guta, que se destaca por sua postura questionadora e independente, refletindo aspectos da própria autora e suas experiências no colégio Imaculado Conceição. Já *Tantos Anos* (2010), autobiografia de Rachel de Queiroz, é fundamental para compreender sua trajetória pessoal e literária, revelando sua relação com o pai e os caminhos que a levaram à escrita de *O Quinze* (1930). Sua obra, marcada por traços autobiográficos, expressa um olhar sensível sobre as questões sociais e humanas.

Em 1915, papai já deixava a cidade e estava muito interessado no sertão, onde mandava fazer a plantação de arroz. Mas então veio a seca, ele perdeu a plantação e quase todo o gado. E a história que conto em *O Quinze*, embora na época eu só tivesse quatro anos (Queiroz, 2010, p. 16).

Como podemos observar na citação acima, a escritora Rachel de Queiroz sempre teve grande influência de seu pai, cuja convivência e experiências marcaram profundamente sua formação e produção literária. Suas obras refletem o contexto histórico de sua época, como é o caso do romance *O Quinze* (1930), que retrata a grande seca de 1915. *As Três Marias* (1939) também nascem dessa inspiração, trazendo traços autobio-

gráficos que revelam a presença das marcas familiares, especialmente as herdadas do pai.

No romance *As Três Marias* (1939), Rachel de Queiroz constrói uma narrativa centrada em três personagens femininas, com destaque para Maria Augusta, que representa a própria autora. A obra aborda temas como identidade, liberdade e enfrentamento das normas sociais, evidenciando a força da escrita de Rachel na criação de figuras femininas complexas. A autora projeta em Maria Augusta traços seus e do pai, a quem admirava por sua determinação. Assim, a personagem simboliza uma mulher ativa e decidida, refletindo o protagonismo feminino presente na literatura de Rachel de Queiroz.

Diante disso, o que podemos observar da escritora singular, conforme podemos observar que está presente na narrativa de Rachel de Queiroz e de Maria Luiza Queiroz ambas as irmãs abordam todo o contexto de convívio da autora ao longo de sua vida, como podemos observar no trecho: “Falei que Rachel era novinha. É, sempre foi. Toda vida fez coisa diferente do que se esperava, diferente do que os outros fazem, sem aceitar conselho e sem ligar para a opinião de ninguém” (Queiroz, 2010, p. 74). O que podemos observar é que, na fase da juventude, a autora começou a escrever suas produções literárias, destacando-se das demais pessoas de sua idade e sempre buscando afirmar seu posicionamento. Esse aspecto está presente no romance *As Três Marias* (1939), uma narrativa composta por três protagonistas, sendo que Maria Augusta reflete, em muitos aspectos, a própria Rachel de Queiroz. A personagem sempre possui uma voz ativa, o que, na década de 30, era algo raro para as mulheres da época.

Além dos conceitos sobre a vida da escritora, é importante destacar algumas de suas principais obras ao longo de sua trajetória como escritora da literatura brasileira. Entre os romances, podemos citar: *O Quinze* (1930), *João Miguel* (1932), *Caminho de Pedra* (1937), *As Três Marias* (1939). Além desses, como cronista, ela escreveu também *A Donzela e a Moura Torta* (1948) e *O Caçador de Tatu* (1967), entre outras obras voltadas ao público adulto. Para o público infantojuvenil, destacam-se obras como *O Menino*

*Mágico* (1967) e *Cafute e Pena-de-Pau* (1986), que também são representativas do seu talento literário (Marinho, Fernando, 2010).

### 3 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA LITERATURA

O conceito da vida e das histórias das mulheres, abordado por Perrot (2017), explora de maneira profunda as diversas dimensões da experiência feminina, incluindo a complexa relação entre homens e mulheres, assim como o espaço que a mulher ocupa em diferentes contextos sociais. Seja no âmbito da família, na sociedade, em geral, ou no campo literário, essas mulheres têm, ao longo do tempo, conquistado cada vez mais direitos e autonomia. O processo de conquista e afirmação do espaço feminino é, portanto, uma jornada de resistência e transformação, que reflete a evolução das vivências e lutas das mulheres ao longo da história. Ao se debruçar sobre essas questões, Perrot (2017) nos convida a refletir sobre as condições históricas e culturais que moldaram e continuam a moldar o lugar da mulher na sociedade, ressaltando a importância do reconhecimento de sua voz e de suas narrativas tanto no contexto familiar quanto nos espaços públicos e literários.

[...] Não o corpo imóvel com suas propriedades eternas, mas o corpo na história, em confronto com as mudanças do tempo, pois o corpo tem uma história, física, estética, política, ideal e material, da qual os historiadores foram tomando consciência progressivamente (Perrot, 2017, p. 41).

Como podemos observar, a escritora nos revela toda a transformação da história da mulher. Por muito tempo, a mulher foi vista apenas como responsável pelos afazeres domésticos e pelo cuidado da família. No entanto, ao longo do tempo, podemos perceber que ela foi conquistando novos espaços e, com isso, sua vida passou por mudanças significativas. Esse processo também envolveu uma crescente conscientização sobre seu papel e suas possibilidades, tanto na família, quanto na sociedade e na literatura.

No que se refere à literatura e à autoria feminina, Zolin (2009) destaca o contexto histórico do processo de conquista das mulheres, tanto na literatura quanto na sociedade em geral. Ela aborda como as mulheres conseguiram, aos poucos, conquistar seus espaços e, finalmente, garantir que suas vozes não fossem mais silenciadas, seja na família, na sociedade ou na literatura. Durante muito tempo, a mulher não teve o direito de expressar sua voz, sendo esse um dos aspectos mais profundos da sua luta por autonomia e reconhecimento.

Muitos historiadores literários começaram a resgatar e a reinterpretar a produção literária de autoria feminina, numa atitude de historicização que se constituiu como resistência à ideologia que historicamente vinha regulando o saber da literatura. Trata-se de promover a desestabilização de paradigmas estabelecidos e saberes instituídos, como o de “essencialismo, homogeneização e universalismo que sustenta a institucionalização da literatura e que subjaz às noções vigentes de tradições e cânone literário, ao discurso crítico da historiografia literária, às estratégias interpretadas e critérios de valorização herdados e legitimados na cultura patriarcal (Zolin, 2009, p. 327).

O trecho destaca o processo de inserção das mulheres na literatura, mostrando que, embora tenham sido por muito tempo silenciadas e limitadas ao espaço doméstico, elas conquistaram gradualmente seu lugar como autoras, fortalecendo a presença feminina na produção literária.

Segundo Candido (2011), é possível perceber a relevância da literatura feminina e o papel significativo das personagens femininas nos romances. Isso é claramente exemplificado em obras como *As Três Marias* (1939), que narra a história de três amigas de infância que, com o tempo, se tornam grandes amigas na fase adulta, refletindo as experiências e desafios da mulher em sua trajetória de vida: “Geralmente, da literatura de um romance fica a impressão duma série de fatores, organizados em enredo, e de personagens que vivem estes fatos” (Candido, 2011, p. 53). É o caso da personagem Maria Augusta, mais conhecida como “Guta”, uma mulher que demonstrou um comportamento diferente de suas duas amigas. Ela

é uma pessoa com sua própria voz, empoderada, e, assim, consegue viver sua vida de maneira ativa, tomando decisões por si mesma.

Ainda em relação à literatura e à personagem do romance, mencionamos o escritor Rosenfeld (2011), que aborda todo o processo do enredo na narração, destacando os critérios de valorização. Ou seja, ele examina a trajetória de uma personagem em um romance, seja ela de ficção ou do imaginário:

A delimitação do campo da beletrística pelo caráter ficcional ou imaginário tem a vantagem de basear-se em momentos de “lógica literária” que, na maioria dos casos, podem ser verificados com certo rigor, sem que seja necessário recorrer a valorização estética (Rosenfeld, 2011, p. 12).

A literatura tem o poder de criar personagens ficcionais e imaginárias, permitindo ao leitor, especialmente os alunos, compreender aspectos essenciais de uma obra. A crítica literária analisa essas construções, revelando a estética e o enredo. Um exemplo disso é *As Três Marias* (1939), que apresenta mulheres com trajetórias distintas, proporcionando uma rica interação entre texto e leitor.

Historicamente, as mulheres sempre foram incentivadas a começar a trabalhar cedo, geralmente nos afazeres domésticos ou em trabalhos operários. Como revela a escritora Perrot (2017, p. 43): “São postas para trabalhar mais cedo nas famílias de origem humilde, camponesas e operárias, saindo precocemente da escola, sobretudo se são as mais velhas. São requisitadas para todo tipo de tarefas domésticas”. Historicamente associadas aos afazeres domésticos e afastadas da educação, as mulheres passaram a conquistar espaço ao longo do tempo, enfrentando resistências. Ainda hoje, buscam reconhecimento, especialmente no mercado de trabalho e na produção textual.

[...] O resultado do processo de questionamento dessas práticas que terminam a invisibilidade história da mulher, entendida como sujeito não só da produção literária, mas também da produção crítica e teoria, aponta, como bem assinala Schmidt, para a territorialização desse sujeito num espaço tradicional-

mente entendido como sendo da alçada masculina (Zolin, 2009, p. 327).

A escrita literária feminina enfrentou um percurso difícil, marcado pela negação do direito das mulheres de expressar suas habilidades. Com o avanço dos movimentos em defesa de seus direitos, ficou evidente a força feminina na produção literária, na crítica e na teoria, mostrando sua capacidade de conquistar espaço na família, na sociedade e na literatura.

A escrita feminina superou um caminho de negação e conquista, revelando, com os movimentos pelos direitos das mulheres, sua força e talento na literatura, na crítica e na teoria, bem como sua afirmação na sociedade e na família. Como destaca Rosenfeld (2011, p. 12): “Contudo, o critério do caráter ficcional ou imaginário não satisfaz inteiramente o propósito de delimitar o campo da literatura no sentido restrito”. A literatura tem o poder de revelar essas transformações por meio das obras, especialmente nos romances, ao apresentar personagens ficcionais e imaginárias que despertam o interesse do leitor e refletem aspectos importantes da realidade feminina.

Todo o conjunto de características de uma mulher, mas sem a sua própria força para conquistar os espaços. Como sabemos, a mulher passou por um processo muito doloroso para conquistar sua voz ativa e também a oportunidade de trabalhar fora de casa, por exemplo. Por muito tempo, foi vista apenas através das lentes da sexualidade e da maternidade, conforme Perrot (2017, p. 41): “Alguns dos aspectos que abordamos em sua historicidade são os seguintes: as idades da vida de uma mulher; as aparências; a cabeleira como exemplo; a sexualidade; a maternidade; a prostituição”. Os papéis sociais das mulheres mudam ao longo da vida, mas muitas vezes limitam suas escolhas. Sexualidade e maternidade têm sido usadas historicamente para definir e restringir seu papel na sociedade – a primeira, frequentemente estigmatizada; a segunda, vista como função principal, condicionando seu valor social.

É relevante destacar a importância da mulher na interação com a literatura. Como sabemos, o poder feminino passou por um processo

de grande invisibilidade na história da literatura, e foi com muita luta e garra que as mulheres têm conquistado seus espaços, seja na família, na sociedade ou na literatura, com suas produções literárias. Conforme Zolin (2009, p. 328): “[...] A intenção é promover a visibilidade da mulher como produto de um discurso que sequer novo, um discurso dissonante em relação àquele arraigado milenarmente na consciência e no inconsciente coletivos, inserindo-a na historiografia literária”, ou seja, há uma necessidade de desafiar e reconfigurar as narrativas que, por séculos, foram construídas em torno da mulher, muitas vezes limitando sua atuação a papéis específicos e desvalorizados.

A personagem Maria Augusta, do romance de Rachel de Queiroz, representa o empoderamento feminino, destacando-se por sua postura ativa diante das amigas e nas decisões escolares. Publicado na década de 1930, o romance evidencia a força da construção narrativa ao valorizar a presença feminina em um período em que isso ainda era incomum. Como destaca Rosenfeld (2011), o passado, mesmo em narrativas fictícias, tende a ter um impacto mais profundo e individualizado, reforçando a importância dessa representação.

#### 4 A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM MARIA AUGUSTA “GUTA”

Maria Augusta, ou “Guta”, é retratada como uma mulher determinada e consciente de suas escolhas desde a infância. Apesar de seu apelido causar estranhamento e ser associado a uma santa, ela rejeita esse rótulo com firmeza, revelando sua postura independente e resistência às convenções sociais. Guta era apelido. – “Que apelido!” E riam na cara. Alguma, porém, teve pena e falou em má educação, em falta de caridade (Queiroz, 2023, p. 23). Maria Augusta enfrenta incômodo com seu apelido, que embora veja como um gesto de carinho, interpreta principalmente como falta de educação e desrespeito, sem que isso afete sua identidade.

A esse respeito, podemos citar o grande escritor Candido (2011), que, em seu livro *A personagem de ficção*, aborda o processo de construção de

personagens dentro do contexto da ficção, algo que se encaixa perfeitamente no romance de Rachel de Queiroz. Candido (2011) discute como a ficção pode interagir com a realidade, algo que é claramente evidenciado em *As Três Marias* (1939). No enredo, as personagens ganham vida e refletem ideias e experiências. Candido utiliza uma metáfora de Gide para ilustrar esse processo: “[...] tento enrolar os fios variados do enredo e a complexidade dos meus pensamentos em torno destas pequenas bobinas vivas que são cada uma das minhas personagens” (Candido, 2011, p. 54).

Como podemos observar, o escritor nos mostra que a construção do enredo envolve todo um processo de pensamentos, ideias e concepções, incluindo tanto os pontos positivos quanto os negativos, a fim de criar uma narrativa envolvente. No caso da personagem Maria Augusta, de *As Três Marias* (1939), ela se destaca por sua postura única, contrastando com o contexto da década de 30. Nesse período, a mulher era frequentemente silenciada, tanto na família quanto na sociedade e na literatura. A personagem Maria Augusta, ao contrário, reflete uma voz ativa e questionadora, desafiando as normas da época: “[...] assustavam-me mais agora, que se dispersaram gritando o meu nome, do que antes, quando me rodeavam. Por que corriam assim? Por que gritavam e riam?” (Queiroz, 2023, p. 24). O narrador nos mostra que a personagem Maria Augusta, mais conhecida carinhosamente como “Guta” era muito criticada e de certa forma, sofriam muitos atos de agressão psicológica.

Maria Augusta tinha firmeza para assumir o controle de sua vida, sem se importar com os comentários alheios. Como aponta Candido (2011, p. 55), o romance revela a relação entre o ser vivo e o fictício por meio da personagem, que expressa suas vontades e conflitos, oferecendo ao leitor uma visão crítica. Maria Augusta destaca-se por ser assertiva e não se calar diante das adversidades. Desde a infância, ela incentiva suas amigas a priorizarem a si mesmas e a aproveitarem a vida, ignorando julgamentos externos.

A realidade da literatura está presente na sociedade e nos indivíduos, sendo capaz de revelar a verdade por meio do contato com as obras lite-

rárias e seus personagens humanos. Isso também pode ser associado à personagem Maria Augusta no romance de Rachel de Queiroz, que representa o poder feminino. Na década de 30, situações como a de Maria Augusta eram raras, pois as mulheres eram, em sua maioria, vistas apenas nos afazeres domésticos e tinham suas vozes silenciadas.

Nesse sentido, tem fundamental importância o trabalho de resgate da produção literária de autoria feminina, relegado ao esquecimento pela a tradução canônica sob o pretexto de consistir numa produção de baixo valor estético em face da chamada alta literatura de autoria masculina (Zolin, 2009, p. 328).

O processo de escrita literária feminina ficou por muito tempo “esquecido”, pois a presença de autores masculinos dominava o cenário literário. No entanto, graças aos movimentos feministas e a outros eventos em prol dos direitos das mulheres, o poder feminino começou a ganhar força a partir da década de 1970, trazendo reconhecimento às produções literárias feitas por mulheres. Um grande exemplo disso é Rachel de Queiroz, autora que nos legou importantes obras literárias com um contexto cultural significativo em suas narrativas. Uma de suas obras mais conhecidas é *O Quinze* (1930).

[...] Morena de olhos violentos, rosto largo e alma audaciosa, de quem nós gostávamos, embora estudasse demais, fosse a segunda da turma, amando as boas notas, “sacrifícios ao bezerro de ouro”, como dizíamos. Era risonha, apaixonada, inteligente, sabia recitar em francês e já brilhara numa festa de fim de ano, declarando *La mort de Jeanne d’Arc* vestida de arlesiana (Queiroz, 2023, p. 32).

O narrador revela que as personagens do romance, especialmente Maria Augusta, eram dedicadas aos estudos. Maria Augusta se destacava pelo empoderamento, seja no ambiente escolar ou nas festas de fim de ano, e influenciava suas amigas com seu poder feminino. Sua postura e ações eram diferentes das de suas colegas, demonstrando sua personalidade forte.

De acordo com Perrot (2017), as mulheres no espaço público, muitas vezes, causam desconcerto nos observadores, sendo vistas em grupos, o que reflete seu modelo social. O espaço da mulher foi sendo conquistado ao longo da história, e isso é evidente no romance de Rachel de Queiroz, que retrata a trajetória de três amigas desde a infância até a fase adulta, com a amizade nascendo em um contexto escolar e religioso: “[...] quando a mim, a minha vaidade era mostrar as pernas. Tinha horror às saias compridas do uniforme, vivia dobrando secretamente os embainhados, sem me importar com os protestos de Maria José e Glória, que me chamava de imoral” (Queiroz, 2023, p. 50). O narrador descreve Maria Augusta como uma mulher que não aceitava viver de acordo com as regras impostas pela escola, que era uma instituição católica com fortes tradições religiosas. Para ela, esse ambiente representava um tipo de horror. Suas amigas, por outro lado, viam as coisas de maneira diferente e, por isso, a chamavam de imoral devido às suas atitudes: “[...] Das mãos lhe pendiam os raios, formados de fieiras de lâmpadas elétricas, pois a estátua era de Nossa Senhora das Graças. Cheguei perto da santa, meti o bilhete numa cavidade aberta, no saco, talvez mesmo para esse fim” (Queiroz, 2023, p. 55). O narrador apresenta Guta como uma mulher decidida e de forte fé em Deus e em Nossa Senhora das Graças, santa da escola. Ela usava a fé para enfrentar desafios e mantinha uma postura ativa, acreditando na realização de seus objetivos mesmo diante das dificuldades.

No romance, o narrador descreve Maria Augusta, carinhosamente chamada de Guta, como uma mulher muito querida, especialmente por sua mãe e familiares, que ficaram felizes com sua chegada. Seu destino foi marcado por desafios e conquistas. Casou-se duas vezes: a primeira com José Auto, um bancário e poeta, com quem teve uma filha, Clotildinha, que faleceu ainda bebê. Durante a década de 30, Guta se destacou como uma mulher ativa, mostrando sua força e conquistando seu espaço na família, sociedade e literatura. Seu comportamento, ao casar-se duas vezes, era visto como incomum e até imoral para a época, um reflexo das normas sociais restritivas. Rachel de Queiroz, por meio de Guta, mostra a mulher como capaz de realizar seus próprios desejos, desafiando as convenções da época.

Esse cenário do romance dialoga com a discussão de Perrot (1917), em que destaca a importância das mulheres e de todo o processo que elas tiveram que enfrentar para conquistar seu espaço. A autora destaca a visão do poder feminino além da sexualidade, uma visão muitas vezes reduzida à ideia de prazer. Perrot (2017) também aponta como o poder público frequentemente desvaloriza a luta das mulheres para alcançar suas conquistas, seja no âmbito familiar, onde a desvalorização era comum, ou em outros contextos. No entanto, ao longo do tempo, por meio das lutas do movimento feminino, as mulheres foram conquistando seus espaços e mudando os manuais que narravam suas histórias.

[...] As isoladas aparições de mulheres escritoras nos anos 1930 e 1940 na lista de escritores consagrados dão lugar, nos anos 1970 e 1980, uma explosão de publicações: Rachel de Queiroz e Cecília Meireles, ao serem reconhecidas nacionalmente, abrem as portas das editoras a outras escritoras, mas é Clarice Lispector quem “abre uma tradição para a literatura da mulher no Brasil, gerando um sistema de influências que se fará reconhecida na geração seguinte (Zolin, 2009, p. 329).

Como podemos observar na citação, a escritora destaca a importância da mulher na literatura. No entanto, como sabemos, todo o processo da mulher, seja na sociedade ou na autoria feminina, passou por um longo período sem o devido reconhecimento. Apesar disso, o poder feminino não desistiu e continuou lutando. Foi nas décadas de 1970 e 1980 que o movimento feminista começou a conquistar seus valores, especialmente na área da escrita literária. Uma das escritoras mencionadas, e que utilizamos para esta pesquisa científica, é Rachel de Queiroz.

## 5 SEQUÊNCIA BÁSICA NA SALA DE AULA COM BASE NO LETRAMENTO LITERÁRIO.

O presente artigo teve como objetivo analisar a representação da mulher no romance *As Três Marias* (1939), de Rachel de Queiroz, articulando essa análise com a proposta de letramento literário baseada na

sequência básica de Rildo Cosson (2009). Essa sequência compreende quatro elementos essenciais para o trabalho com literatura em sala de aula: motivação, interação, leitura e interpretação. Esses componentes são fundamentais para promover o desenvolvimento do senso crítico dos alunos por meio da leitura literária.

A proposta pedagógica apresentada destina-se a alunos do ensino médio e tem como foco os desafios enfrentados pela mulher na década de 1930, em comparação com a trajetória da mulher contemporânea. A partir da leitura do romance, o professor pode estimular os alunos a refletirem sobre essas duas realidades, promovendo debates e atividades escritas. O trabalho pode ser enriquecido com textos complementares que abordam o papel da mulher ao longo do tempo, tanto na literatura quanto na sociedade e na família. Como sugestão metodológica, propõe-se que, após a leitura do romance, os alunos sejam organizados em grupos para discutir e produzir textos que estabeleçam conexões entre os papéis femininos na década de 1930 e os da atualidade. Essa abordagem favorece o desenvolvimento do pensamento crítico e valoriza a literatura como uma importante ferramenta para a reflexão social.

A análise da personagem Maria Augusta (Guta) e de suas amigas Maria José e Maria da Glória evidencia a superação de barreiras históricas pelas mulheres, permitindo uma leitura crítica das transformações sociais ao longo do tempo. A proposta pedagógica aqui elaborada tem como foco principal mostrar aos alunos os caminhos percorridos pelas mulheres até conquistarem espaço e voz na sociedade. Com base no referencial teórico de Cosson (2009), reforçamos a importância de trabalhar o letramento literário e estimular a interpretação crítica do texto. O uso de obras escritas por mulheres é essencial para ampliar a compreensão dos alunos sobre a literatura como forma de expressão e resistência. Segundo o escritor nos mostra: “[...] é a propósito da literatura que a importância do texto se manifesta em toda a sua plenitude. É essa plenitude de sentido o começo, o meio, e o fim de qualquer trabalho com o texto” (Cosson, 2009, p. 51). A literatura tem o poder de promover a interação entre texto,

autor e leitor. Para realizar uma leitura e, posteriormente, uma análise, é fundamental considerar esses três elementos, pois juntos possibilitam a construção de uma interpretação completa, seja de um texto literário ou não.

[...] Optamos por usar oficinas de criatividade verbal em lugar das aulas expositivas sobre a importância da leitura na escola. Fora os modelos tradicionais dos cursos que até então tinham feito, professores reagem, a princípios, com certa descrença. Alguns chegaram a questionar em voz alta a utilidade e o fim daquelas atividades aparentemente desligadas de sua função de guardadores de livros (Cosson, 2009, p. 52).

Como observamos na citação acima, é possível perceber que muitos professores ainda utilizam métodos tradicionais em sala de aula, limitando-se à leitura dos livros sem explorar outras abordagens pedagógicas. Com isso, o letramento literário acaba sendo negligenciado. No entanto, a aplicação da sequência básica proposta por Rildo Cosson é fundamental, pois permite ao professor desenvolver propostas diferenciadas que envolvam os alunos de forma mais crítica e participativa. Entre essas propostas, destacam-se os debates e as atividades em grupo com base em textos escritos, que contribuem significativamente para o trabalho com obras literárias no ensino médio.

[...] Apenas após solicitamos a escrita da síntese sem a presença do livro é que percebemos tratar-se de uma atividade de leitura. É claro que por isso colaborou a nossa própria atitude de apresentar a tarefa como uma demanda real da colega bibliotecária. Esse princípio do faz de conta mostrou-se essencial na maioria das atividades de motivação que temos usado desde então. Crianças, adolescentes e adultos embarcaram com mais entusiasmo nas propostas de motivação e, conseqüentemente, na leitura quando há uma moldura, uma situação que lhes permite interagir de modo criativo com as palavras (Cosson, 2009, p. 53).

Dessa forma, para desenvolver a escrita de um texto, é fundamental que haja um trabalho prévio com a leitura. A leitura é fundamental para uma produção textual eficaz, pois não é possível escrever bem sem o

contato com bons textos. Por meio da leitura, os alunos ampliam o vocabulário, desenvolvem a criatividade e adquirem repertório para elaborar suas próprias produções, tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Cosson (2009) destaca que a sequência básica do letramento literário tem como objetivo principal preparar o aluno para adentrar o texto, sendo a motivação um elemento essencial para o sucesso inicial desse encontro entre leitor e obra. O autor ressalta a importância de aplicar essa sequência em sala de aula, pois ela permite que os alunos reconheçam o valor do texto literário no processo de aprendizagem. Além disso, essa abordagem contribui significativamente para o desenvolvimento do senso crítico dos estudantes em relação às obras trabalhadas.

Podemos observar que Cosson (2009) orienta de forma didática como trabalhar o letramento literário com os alunos, destacando que: “[...] A direção para quem caminha com você. Por isso, cabe ao professor falar da obra e sua importância naquele momento, justificando assim sua escolha” (Cosson, 2009, p. 60). Cabe ao professor, que deve apresentar a obra e justificar sua importância no momento escolhido, ou seja, o professor desempenha um papel fundamental na sala de aula, especialmente na seleção das obras literárias a serem trabalhadas.

A proposta pedagógica utilizada nesta pesquisa científica reforça a importância de o professor expor aos estudantes os desafios enfrentados pelas mulheres na década de 1930 e os avanços conquistados até a atualidade.

*As apreciações críticas presentes nas orelhas ou na contracapa são instrumentos facilitadores da introdução e muitas vezes trazem informações importantes para interpretação. O professor pode aproveitar o tom positivo desses textos para explicar aos alunos as qualidades que levaram a selecionar tal obra (Cosson, 2009, p. 61).*

É fundamental que o professor, ao apresentar uma obra literária aos alunos, oriente-os a observar todos os elementos do livro – desde a capa até a última página. Isso porque cada detalhe pode revelar aspectos importantes da narrativa, das personagens e até do próprio autor. Essa

abordagem desperta no aluno um olhar mais atento e interesse pela obra, contribuindo para que ele se envolva com o conteúdo. Assim, o estudante se sente mais preparado para participar de debates ou atividades escritas relacionadas à leitura em sala de aula: “[...] Um exemplo é a leitura de outros textos menores que tenham alguma ligação com o texto maior, funcionando como focalização sobre o tema da leitura e permitindo que se teçam aproximações breves entre o que já foi lido e novo texto” (Cosson, 2002, p. 63). Como observamos acima, é importante o professor mencionar mais textos para os alunos da mesma temática para que assim, os alunos possam utilizar como base da leitura maior, por exemplo, um romance. É o caso de trabalhar o romance *As Três Marias* (1939), de Rachel de Queiroz, observando as diferenças entre as personagens, que apresentam comportamentos distintos umas das outras.

[...] Quando interpretamos uma obra, ou seja, quando terminamos a leitura de um livro e nos sentimos tocados pela verdade do mundo que ele nos revela, podemos conversar sobre isso com um amigo, dizer no trabalho como aquele livro nos afetou e até aconselhar a leitura dele a um colega ou guardar o mundo feito de palavras em nossa memória (Cosson, 2009, p. 65).

A literatura exerce um papel fundamental na sociedade, especialmente por meio das obras literárias, que revelam verdades e contextos históricos importantes. Um exemplo é o romance *As Três Marias* (1939), de Rachel de Queiroz, que apresenta personagens femininas marcantes. Entre elas, destaca-se Maria Augusta, cuja postura ativa e firme contrasta com as demais. A personagem é analisada neste artigo como símbolo da luta feminina por voz e autonomia. Essa análise pode ser levada para a sala de aula a fim de destacar aos alunos a importância da mulher na literatura e os desafios enfrentados para conquistar seu espaço, superando os limites impostos no século XX.

[...] Os alunos das séries do ensino fundamental foram motivados, leram os textos selecionados e prepararam as interpretações. No dia do evento, que trouxe a comunidade de pais e familiares para o ginásio de esporte da escola, havia

alunos vestidos a caráter, que se apresentavam aos visitantes contando suas histórias (Cosson, 2009, p. 67).

A sequência básica é uma ferramenta essencial tanto no ensino fundamental quanto, especialmente, no ensino médio. Sua aplicação contribui significativamente para o desenvolvimento do letramento literário, que envolve todo o processo de leitura, interpretação e análise de uma obra literária. Ao apresentar uma narrativa aos alunos, o professor estimula a imaginação e a compreensão crítica além do texto escrito. A partir dessa obra *As Três Marias* (1939), o professor pode propor debates, apresentações lúdicas e outras atividades interativas, incentivando o interesse dos alunos pela literatura e evidenciando o valor das obras literárias na formação social e cultural.

## 6 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO ENSINO MÉDIO.

Com a aplicação da sequência didática, os alunos do ensino regular dos anos finais podem desenvolver a ética, a autonomia intelectual e o pensamento crítico por meio do estudo de obras da literatura brasileira. Um exemplo é o romance *As Três Marias* (1939), de Rachel de Queiroz, que aborda a condição feminina na década de 1930 e reflete também o fortalecimento do poder feminino nas décadas seguintes, especialmente nos anos 1970. A proposta da sequência didática voltada para o ensino médio baseia-se na estrutura narrativa da obra, que apresenta a representação da mulher tanto no contexto histórico dos anos 1930 quanto na figura da mulher contemporânea. Essa abordagem permite trabalhar aspectos históricos, sociais e culturais, além de estimular a interpretação e o senso crítico dos alunos.

A obra escolhida, *As Três Marias*, possibilita a reflexão sobre o processo de luta e conquista de espaço das mulheres ao longo do tempo – uma realidade ainda desconhecida por muitos estudantes. Nesse contexto, o planejamento prevê seis aulas semanais de Língua Portuguesa, sendo duas destinadas à literatura, duas à produção de texto e duas à gramática.

Para a sequência didática, serão utilizadas as duas aulas de literatura e as duas de produção de texto durante duas semanas, totalizando oito aulas com duração de cinquenta minutos cada.

A primeira aula será dividida em três momentos principais, com duração total de cinquenta minutos. Sendo 20 minutos para apresentação da obra. Inicia-se com a apresentação do romance *As Três Marias* (1939), de Rachel de Queiroz, destacando sua relevância para a literatura brasileira e seu valor no contexto escolar. Será enfatizada a importância de se trabalhar obras de autoria feminina, sobretudo de escritoras pioneiras como Rachel, que ocupou um espaço significativo na literatura nacional e na representação da mulher em suas narrativas. Em seguida mais 20 minutos para abordar o contexto histórico e cultural em que a obra foi escrita, situando os alunos na década de 1930 e nos papéis sociais impostos às mulheres na época. Também serão discutidos os principais temas da obra, como amizade, identidade feminina e os desafios enfrentados pelas mulheres em diferentes fases da vida. Nos últimos minutos da aula, o professor recomendará a leitura do romance como tarefa de casa, orientando os alunos quanto ao cronograma de leitura e incentivando a anotação de trechos marcantes ou dúvidas para discussão nas aulas seguintes.

A segunda aula será dedicada à análise das personagens do romance e à abordagem do tema central da obra. Nos primeiros vinte minutos, será destacada a importância das personagens e do tema, já que ambos se complementam ao retratar a história de mulheres com diferentes trajetórias e experiências de vida. A aula abordará como o romance constrói essas personagens femininas, explorando seus conflitos, desejos e escolhas em uma sociedade tradicional. Nos vinte minutos seguintes, será analisada a estrutura narrativa da obra e a forma como Rachel de Queiroz apresenta a história de cada mulher, destacando também a linguagem utilizada pela autora – direta, sensível e crítica – que contribui para a construção de uma narrativa envolvente e significativa. Nos dez minutos finais, os alunos serão convidados a folhear o romance e reler trechos importantes, reforçando o contato com a obra e retomando aspectos discutidos em sala.

A terceira aula será dedicada à discussão sobre a obra de forma geral e em seguida, os alunos poderão participar de um debate sobre as duas realidades apresentadas: o que os estudantes puderam observar sobre a condição das mulheres na década de 1930 e a figura da mulher contemporânea presente na narrativa de Rachel de Queiroz. Já na quarta aula o professor se dedicará a trabalhar com os alunos outros textos relacionados à mesma temática, abordando a representação da mulher nas décadas de 1930 e 1970. O objetivo é ampliar o olhar crítico dos estudantes sobre a realidade retratada na narrativa. Além disso, os alunos serão incentivados a analisarem 2 canções que dialogam com as diferentes realidades do romance: *Mulher de 30*, de Milton e João Nogueira (1965), e *Maria Maria*, de Milton Nascimento (1978), enriquecendo a reflexão sobre o papel da mulher em diferentes contextos históricos e sociais.

Na quinta aula, o professor promoverá um debate com a turma sobre o processo de transformação da figura feminina desde a década de 1930 até os dias atuais. A discussão será conduzida com base na leitura do romance, nos demais textos trabalhados em sala e nas canções analisadas na aula anterior. Ao final, o docente irá propor uma atividade escrita como tarefa de casa, na qual os alunos deverão refletir sobre os temas debatidos em sala.

Na sexta aula, o professor fará a correção da atividade proposta anteriormente, promovendo uma reflexão sobre os pensamentos críticos dos alunos em relação aos processos vividos pelas mulheres da década de 1930 e pelas mulheres contemporâneas. Em seguida, o professor irá propor uma atividade complementar como tarefa de casa: assistir ao documentário *Virou o jogo - A história de Pintadas* (Marcelino Villanora, 2012), que retrata o poder feminino por meio da organização de mulheres que buscam transformar a realidade local e afirmar suas identidades. Após a exibição, os alunos deverão se preparar para um debate na próxima aula, com base no conteúdo do documentário.

Na sétima aula, o professor conduzirá uma discussão sobre o documentário assistido em casa, focando nos processos vivenciados pelas

mulheres. Essa discussão permitirá aos alunos desenvolver uma visão crítica da realidade apresentada, argumentando sobre os aspectos mais relevantes. O docente destacará a importância de buscar e afirmar identidades, especialmente as femininas, promovendo uma maior consciência sobre a história do poder feminino. Em seguida, os alunos realizarão uma atividade escrita relacionada ao documentário e ao debate feito no início da aula. Para finalizar, o professor fará um momento de agradecimento, reconhecendo o empenho dos estudantes nas atividades desenvolvidas nas aulas de literatura e produção de texto.

No início da oitava aula, o professor fará a correção da atividade sobre a reflexão do documentário proposto na aula anterior. Em seguida, destacará a importância de se trabalhar a obra de Rachel de Queiroz na sala de aula do ensino médio, abordando os processos vivenciados pelas mulheres ao longo da história e as lutas constantes pela conquista de espaço na sociedade. Por fim, será feito o encerramento do trabalho com a obra literária, promovendo uma síntese dos aprendizados construídos ao longo das aulas.

No decorrer das aulas de Literatura e Produção de Texto, o professor realizou observações das discussões como forma de feedback, assim como das atividades escritas, a fim de avaliar a compreensão dos alunos sobre a obra trabalhada em sala de aula e em casa, uma vez que as leituras e o documentário foram propostos como atividades complementares. Dessa forma, foi possível avaliar não apenas o desempenho dos alunos, mas também desenvolver seu senso crítico em relação às obras literárias.

A sequência didática desenvolvida no ensino médio destacou a importância do contexto histórico e cultural da obra *As Três Marias* (1939), de Rachel de Queiroz, por apresentar o processo de transformação da mulher na década de 1930 e o fortalecimento do poder feminino nas décadas seguintes, especialmente nos anos 1970, refletindo até a contemporaneidade.

Realizaram-se atividades orais e escritas para promover a interação entre professor e alunos em torno da literatura brasileira.

Com isso, foram propostas atividades relevantes para a formação dos estudantes, tais como debates, reflexões, produções textuais e exercícios de escrita, todos baseados na realidade retratada na obra. Essas ações estimularam a criatividade e o pensamento crítico dos alunos. O público-alvo foram jovens entre 15 e 17 anos, na reta final do ensino médio regular. É essencial que os alunos compreendam os processos enfrentados pelas mulheres ao longo da história, como é possível observar na obra de Rachel de Queiroz.

Diante de todos esses fatores, a didática se revela essencial no ensino de literatura, possibilitando que o professor trabalhe com o texto literário de forma significativa e que os alunos adquiram novos conhecimentos e desenvolvam seu senso crítico. A interação entre professor e alunos, mediada pela obra de Rachel de Queiroz e por métodos pedagógicos adequados, permite a construção de uma sequência didática eficaz, valorizando os conhecimentos prévios dos estudantes e articulando-os com a convivência social e familiar.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo demonstrar a importância da construção da personagem feminina Maria Augusta, conhecida como “Guta”, no romance *As Três Marias* (1939), de Rachel de Queiroz. A partir da leitura da obra, observa-se uma mulher ativa em suas decisões, especialmente em sua convivência com as amigas. Além disso, propõe-se uma abordagem pedagógica voltada para o ensino médio, com foco no processo histórico da mulher - da década de 1930 até a contemporaneidade. A pesquisa buscou analisar a representação de Maria Augusta como uma mulher que se destaca por suas atitudes e postura diante das adversidades, especialmente na relação com suas amigas. Utilizou-se também a proposta da sequência básica para o trabalho com letramento literário em sala de aula, conforme os princípios de Rildo Cosson (2009).

A análise revelou que o romance é composto por três personagens femininas com trajetórias distintas. A protagonista, Maria Augusta, diferencia-se por seu comportamento independente e questionador. Enquanto Maria da Glória representa a vivência da maternidade e Maria José busca suas próprias conquistas, Guta expressa o desejo de liberdade e autonomia, desafiando os padrões impostos às mulheres de sua época. Essa diversidade entre as personagens possibilita ao professor promover reflexões em sala de aula sobre o papel da mulher ao longo da história. Assim, os alunos podem compreender a transição da mulher silenciada na década de 1930 para a mulher atuante da contemporaneidade, desenvolvendo também o senso crítico. A proposta incentiva o trabalho com debates, atividades escritas e reflexões sobre o papel da mulher na sociedade, na literatura e na família.

Por fim, a pesquisa evidenciou que Maria Augusta é uma personagem determinada, que soube afirmar sua identidade mesmo diante das críticas e julgamentos. Um exemplo disso está em sua postura firme diante do apelido “Guta”, que aceitava sem se deixar abalar. A proposta pedagógica apresentada visa despertar o interesse dos alunos pelos textos literários e desenvolver sua capacidade crítica por meio da análise de obras com temáticas relevantes e atuais.

## REFERÊNCIAS

**ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL)** Disponível em: < <https://www.academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/biografia>>. Acesso em: 27 de jan. de 2025.

CANDIDO, Antônio. A personagem do romance. *In*: CANDIDO, *et al.* **A personagem de ficção**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 51-80.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2002.

MARINHO, Fernando. “**Rachel de Queiroz**”, Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/raquel-queiroz.htm> . Acesso em 29 de abril de 2025.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Trad. de Angela M. S. Côrrea. 2. ed. 4 reimpressões. São Paulo: Contexto, 2017.

QUEIROZ, Rachel. **Tantos Anos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. *In: CANDIDO, et al. **A personagem de ficção***. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 9-49.